

**ARTICULAÇÃO ENTRE EQUIDADE E SUSTENTABILIDADE NUM CURSO
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

**ARTICULACIÓN ENTRE EQUIDAD Y SOSTENIBILIDAD EN UN CURSO DE
EDUCACIÓN AMBIENTAL PARA DOCENTES DE EDUCACIÓN BÁSICA**

Gláucia Fornazari Maximiano
Universidade de São Paulo (USP)
glauucia.fornazari@gmail.com

Rosana Louro Ferreira Silva
Universidade de São Paulo (USP)
rosanas@usp.br

Maria Paula Reis Rangel Querido Moreira
Universidade de São Paulo (USP)
maria.reis.moreira@usp.br

Programa Interunidades em Ensino de Ciências da USP

RESUMO

O relato descreve um curso de formação continuada de professores em Educação Ambiental no Encontro USP-Escola em julho de 2023. Com o título "Sustentabilidade e equidade nas práticas de educação ambiental", participaram 10 professores da Educação Básica de várias regiões do Brasil. O objetivo era ampliar as práticas pedagógicas em relação à justiça ambiental, sustentabilidade e equidade. Durante cinco dias, realizaram-se dinâmicas, debates e visita à Terra Indígena do Jaraguá. Essa experiência destaca a importância de espaços que incentivem a participação dos educadores e a interação entre Escola e Universidade para uma educação crítica e comprometida com a justiça ambiental.

Palavras-chave: sustentabilidade; equidade; educação ambiental; justiça ambiental; decolonialidade.

Eixo temático: 3 - Formação docente em Ciências e Biologia

Modalidade: relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

El trabajo describe un curso de formación continua para docentes en Educación Ambiental en el Encuentro USP-Escola de julio de 2023. Con el título "Sostenibilidad y equidad en las prácticas de educación ambiental", participaron 10 docentes de Educación Básica de varias regiones de Brasil. El objetivo fue ampliar las prácticas pedagógicas en relación con la justicia ambiental, la sostenibilidad y la equidad. Durante cinco días se desarrollaron dinámicas, debates y una visita a la Tierra Indígena Jaraguá. Esta experiencia resalta la importancia de espacios que fomenten la participación de los

educadores y la interacción entre Escuela y Universidad para una educación crítica y comprometida con la justicia ambiental.

Palabras clave: sustentabilidad; equidad; educación ambiental; justicia ambiental; decolonialidad.

Eje temático: 3 - Formación docente en Ciencias y Biología.

Modalidad: relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

A necessidade da atualização dos professores, dos alunos, da escola, da comunidade local e da sociedade brasileira, é inquestionável. Entretanto, há que se atentar para os conteúdos, as habilidades, as competências e os métodos valorizados pelos responsáveis pelos projetos de formação. Importa aqui ressaltar a relevância de proporcionar percursos de formação continuada com foco na ampliação e no aperfeiçoamento das práticas e vivências dos professores nos/dos territórios de atuação profissional em diálogo com a Universidade.

Neste trabalho, relatamos a experiência de um curso ministrado pelo Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Formação de Professores da Universidade de São Paulo (GPEAFE-USP), no Encontro USP-Escola, uma via de mão dupla Escola/Universidade, com potência para a formação de redes de trabalho e conseqüente impacto na vida dos estudantes e na melhoria das condições de vida. O programa, no qual o curso se insere, é um projeto de extensão universitária da USP que existe desde 2007 e oferece gratuitamente cursos de atualização para professores de diversas áreas do conhecimento da educação básica, em um movimento contínuo e cada vez mais abrangente de formação continuada de professores. As inscrições para os diversos cursos ofertados anualmente pelo Encontro ocorrem em uma plataforma da Universidade de São Paulo, e são abertas para todos os professores da educação básica.

Os encontros ocorrem de acordo com as orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE) e promovem discussão de conteúdo e elementos didáticos, incentivo à disseminação das práticas nas escolas onde os professores cursistas atuam, além do desenvolvimento de material didático, produção e divulgação de conhecimentos.

O curso “Sustentabilidade e equidade nas práticas de educação ambiental” visou a ampliação e o aperfeiçoamento das proposições didáticas dos professores cursistas em

função da justiça ambiental. Foi elaborado e ministrado por membros do GPEAFE-USP, sendo alunos de mestrado, doutorado, pós-doutorado e também, em sua maioria, professores da Educação Básica nas áreas de Ciências e Biologia, e situa-se dentro das ações de um projeto maior, financiado pelo edital PROEDUCA da FAPESP. Tal grupo de pesquisa tem parceria com redes e escolas da educação básica e com professores de escolas públicas paulistas e paulistanas, de todas as etapas da Educação Básica.

É importante ressaltar que, conforme indicado em produções nacionais e internacionais, como as da North American Association for Environmental Education (NAAEE, 2017), a Educação ambiental vai além de conteúdos específicos e busca criar comunidades mais saudáveis para todos, com integridade ecológica, prosperidade compartilhada e equidade social como seus fundamentos. Desta forma, as articulações assumem grande complexidade e devem ser problematizadas e ressignificadas em cada contexto escolar e formativo e valorizadas em aspectos de qualidade e equidade, aspectos que buscamos articular no período do curso.

Ter a participação reconhecida pelos professores em formação, coloca o Encontro USP-Escola em condição privilegiada para a realização de cursos de Educação Ambiental na perspectiva crítica (SILVA & CAMPINA, 2010), pois esta requer, necessariamente, um “exercício criativo, em benefício de todos, dos poderes de tomada de decisão adquiridos, trazendo à tona os ricos recursos humanos dos indivíduos, reunidos a um ponto jamais sonhado nas formas anteriores de sociedade” (MÉSZÁROS, 2005, p.52). Ao serem oferecidas neste contexto, palestras, rodas de conversa, cursos de 30 e 40 horas, oficinas e relatos de experiência, o Encontro atrai professores das diferentes áreas do conhecimento e com variados tipos de formação, representando uma multiplicidade de territórios e estudantes de todas as etapas e modalidades da Educação Básica.

Nesse sentido, a Educação Ambiental Crítica - perspectiva adotada na construção do curso - conforme aponta Carvalho (2012), visa a formação de uma atitude ecológica que seja sensível às dimensões estéticas, éticas e políticas das questões ambientais. Além disso, ela se estende para além do ambiente escolar tradicional, encorajando a participação ativa na resolução de problemas socioambientais e o engajamento com contextos locais e regionais.

Concordando com Junqueira (2014), admitimos o caráter primordial exercido pelo

abismo das classes sociais no Brasil para a opressão e a criação de problemas socioambientais, em um movimento contínuo de injustiça e desprezo pela vida. Portanto, conforme observado por Trein (2012), a educação ambiental crítica pode servir como uma ferramenta eficaz para desafiar as estruturas de poder desiguais e que contribua para transformar as relações sociais de produção em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

A escolha por proposições didáticas pelos professores cursistas e pelos membros do grupo de pesquisa em função da justiça ambiental tem íntima relação com as raízes da problemática socioambiental no Brasil e no mundo. Ferdinand (2022), defende a Justiça Ambiental a partir “dos lugares, das histórias, dos lares e dos tempos pelos que são abandonados, excluídos ou jogados ao mar”. Para o autor, é necessário entender a problemática ambiental como luta decolonial, expondo as continuidades pérfidas entre colonialismo, racismo, dominação das mulheres e degradação do planeta. Nesta perspectiva, a Educação Ambiental crítica é uma intenção de mundo que tem como propósito a reivindicação de justiça, dada a violência sofrida pelos povos pré-colombianos, ex-escravizados negros, quilombolas, moradores de favelas e mulheres racializadas.

Nos inúmeros territórios brasileiros, formadores, estudantes e professores estão sempre imersos em problemáticas ambientais derivadas das injustiças do período colonial e do atual sistema econômico e suas violentas consequências. Racismo, opressão e degradação ambiental estão escancarados e em todos os tipos de ambiente, quer seja natural ou social. A falta e/ou contaminação de água e de alimentos, os lixões, as áreas de risco, a falta de saneamento básico e outros problemas estão para a parcela da população eleita para recebê-los. É um contrato social feito ao longo dos últimos 500 anos e com variados recursos para o convencimento da sua legitimidade.

Ao optar pela conjunção entre as categorias sustentabilidade e equidade, os criadores do curso em questão revelam sua intenção em discutir e desvelar elementos da injustiça ambiental. Isso é possível a partir de uma abordagem de Sustentabilidade nas práticas de Educação Ambiental em que os professores cursistas tenham a chance de se realizarem de acordo com as intenções colocadas para si mesmos.

No mundo contemporâneo, marcado pela exploração desenfreada da vida e da natureza

pelo capitalismo, as relações dialógicas em torno dos fenômenos têm a potência de proporcionar transformações ambientais e sociais, simples e/ou complexas, como a revitalização de uma praça ou a participação efetiva na definição de políticas públicas do país. Ou seja, a efetivação das práticas relacionadas à justiça ambiental exige “um processo argumentativo contínuo de ressignificação ideológica da questão ambiental, agindo como contraponto das interpretações hegemônicas do senso comum acerca do fenômeno socioambiental” (LOUREIRO & LAYRARGUES, 2013).

CONTEXTOS E RELATOS DE PRÁTICA

O curso "Sustentabilidade e equidade nas práticas de educação ambiental", idealizado por 12 pesquisadores do GPEAFE-USP, com duração de 40 horas (30 presenciais e 10 remotas), foi realizado no período de 17 a 21 de julho de 2023 e contou com a participação de 10 professores da Educação Básica da cidade de São Paulo, interior do Estado de São Paulo e Paraná. Os participantes se inscreveram voluntariamente, a partir das chamadas online disponíveis no site do USP Escola e da Universidade de São Paulo, bem como de convites recebidos por meio de aplicativos de internet, não tendo sido necessária seleção. Os participantes, em sua maioria, se identificaram com o gênero feminino cis (66,7%), 57,1% brancos, 21,4% pardos e 14,3% pretos. Quanto à atuação na educação formal, 33,3% atuam entre 1 e 5 anos, 26,7% entre 6 e 10 anos, 13,3% entre 16 e 20 anos e 13,3% atuam há mais de 20 anos. Lecionam nas cidades de Mauá (SP), São Paulo (SP), Itaoca (SP), Bauru (SP) e Campo Mourão (PR), sendo 33% da rede municipal da Cidade de São Paulo, 40% da rede estadual de São Paulo, 20% de escolas particulares, 6,7% de educação quilombola e 6,7% de Organização da Sociedade. Quanto ao nível e modalidade de educação, 26,7% da Educação Infantil, 26,7% do Ensino Médio, 20% do Ensino Fundamental I e 20% do Ensino Fundamental II, 13,3% de Espaços Não Formais e 6,7% em Educação de Jovens e Adultos. Destes, 26,7% na área de História, 20% na área de Geografia, 20% na área de Ciências, 13,3% em Biologia, 13,3% em Química, 13,3% em Português, 13,3% em Matemática, sendo que alguns participantes lecionam em duas ou mais áreas, e um representante de cada área: Artes, Educação Física, Física, Filosofia e Gestão Escolar.

O curso objetivou a mobilização dos formadores e professores cursistas em prol do compartilhamento de conhecimentos e do aperfeiçoamento de práticas pedagógicas para

a Educação Ambiental Crítica. Os participantes (formadores e professores cursistas) foram pessoas de distintas classes sociais, raça, gênero, etnia e poder político, o que trouxe discussões muito ricas e produtivas durante as atividades propostas. Regras e combinados devem servir para todos, assim como o direito de participação deve ser equitativo. A ideia de equidade do curso, está relacionada à ideia de reduzir as desigualdades que são geradas por diversos fatores sociais e econômicos e reconhecer a diversidade como potência e não como problema. Cohen & Lotan (2017) exploram diferentes possibilidades para o trabalho coletivo com grupos heterogêneos e exploram os processos sociopsicológicos envolvidos em interações de pequenos grupos, bem como o impacto na diversidade de habilidades dos estudantes, apontando que delegação de autoridade aos estudantes, com atividades que priorizem seu protagonismo, propor atividades que os estudantes precisam uns dos outros, em que possam falar, ouvir, explicar, fazer perguntas, fazer sugestões, criticar, concordar, discordar e tomar decisões coletivas permitem uma interação e engajamento e um aprendizado significativo. Para que isso aconteça, as práticas educativas devem propiciar participação, autonomia e criticidade, e os alunos devem conseguir produzir registros de maneira estruturada e compartilhada, bem como comunicar seus resultados aos colegas e comunidade.

Neste ambiente, estas e outras formas de equidade podem ser levantadas, discutidas e analisadas, como fatores sociológicos responsáveis pela exposição de pessoas afrodescendentes a perigos em frequência maior do que a exposição de pessoas brancas. Evidenciar que, de um lado da nossa história, “a história ambiental, temos os porta-vozes brancos e brancas racialmente negacionistas e, de outros, a história colonial, as lutas pós-coloniais e suas vocalizações por vezes desambientadas” (FERDINAND, 2022, p. 309). Uma abordagem crítica das realidades sociais, ambientais, educacionais e, especialmente, pedagógicas. Tal abordagem visa identificar tanto aspectos positivos quanto limites, deficiências, rupturas, inconsistências, jogos de poder etc., com o objetivo de transformar realidades problemáticas. Trata-se também de cada um examinar criticamente suas próprias práticas pedagógicas em relação ao meio ambiente (SAUVÉ, 2003).

A mobilização das pessoas para a crítica das realidades pedagógicas, sociais, ambientais e educacionais deve, necessariamente, contar com a oportunização do levantamento e da comunicação dos contextos históricos e contemporâneos dos participantes da

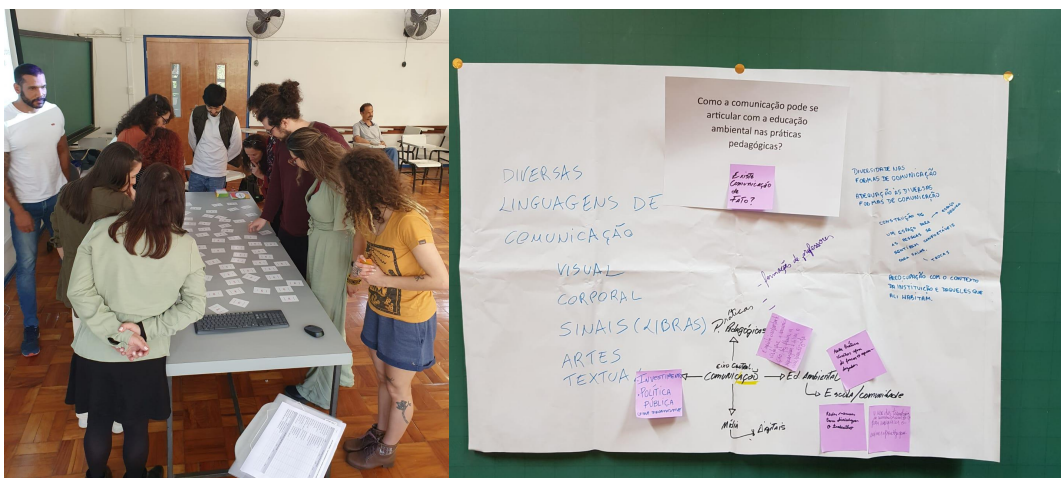
formação em Educação Ambiental. Neste sentido, os objetivos do curso foram: 1- Constituir um espaço de aprendizagem e formação docente continuada articulada aos pressupostos da educação ambiental crítica, por meio da problematização e promoção de diálogo sobre temáticas socioambientais contemporâneas, como a equidade, sustentabilidade e justiça social e ambiental; 2- Promover a articulação de saberes entre participantes e ministrantes do curso através do uso de metodologias participativas; 3- Formar educadores(as) multiplicadores(as) em educação ambiental que atuem em suas comunidades, a fim de promover intervenções socioambientais culturalmente diversas e socialmente justas; 4- Problematizar conceitos ligados a articulação entre educação ambiental e direitos humanos em perspectivas de equidade e decolonialidade.

A seguir, descreveremos as ações desenvolvidas para que os objetivos fossem atingidos e as temáticas relacionadas fossem problematizadas.

DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

Em nosso primeiro dia de curso, utilizamos o jogo Grok - Comunicação Não Violenta, em um exercício de empatia para nos apresentarmos e conhecermos os participantes. Além disso, a partir da metodologia ativa “Café ComPartilha”, exploramos a visão dos professores acerca de três questões-chave para o curso: “Como a relação da escola e das pessoas com o território afeta o engajamento nas questões socioambientais?”; “Como as questões ambientais se relacionam com as questões de equidade étnico-racial e de gênero?”; “Como a comunicação pode se articular com a educação ambiental nas práticas pedagógicas?”. Tal metodologia, também chamada de World Café, é um processo de diálogo com o objetivo de promover conversas significativas. São práticas de conversação que recuperam o sentido de comunidade, num diálogo que busca o envolvimento pleno dos participantes, a inteligência coletiva que emerge do grupo e a criação coletiva de soluções para problemas complexos (CAMARGO, 2011). Abaixo (Fig.1), alguns registros do primeiro encontro.

Figura 1: Cursistas e palestrantes escolhendo uma carta do jogo Grok para sua apresentação e um exemplo do cartaz produzido na dinâmica “Café ComPartilha”.



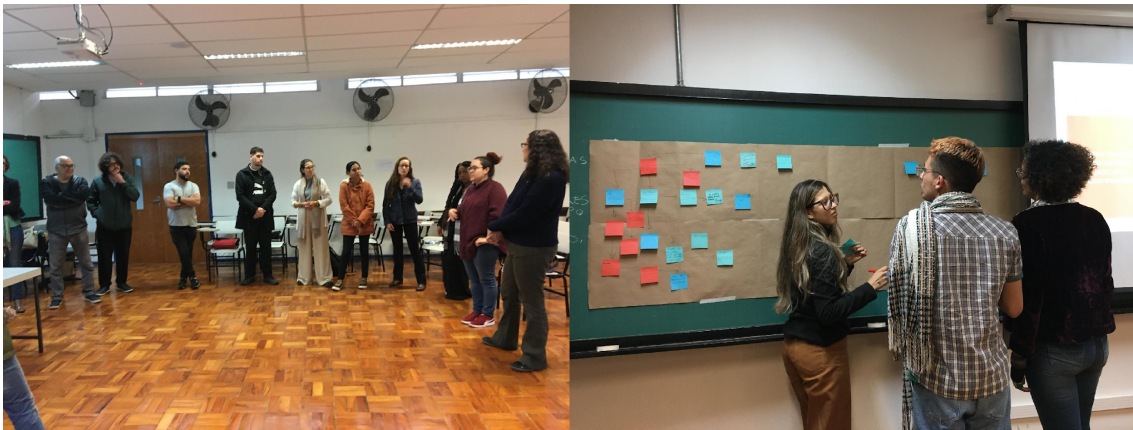
No segundo dia, trabalhamos inicialmente com o conceito de equidade e como promover trocas mais igualitárias em salas de aulas heterogêneas, a partir de uma dinâmica denominada “Dinâmica dos quatro cantos”. Essa dinâmica consiste em apresentar algumas afirmações sobre equidade na educação com quatro possíveis respostas, para que cada participante escolha a resposta com a qual mais se identifica e se desloque até ela. Após as escolhas, cada grupo discute as razões pelas quais escolheu aquela resposta como a mais apropriada. Um exemplo de pergunta utilizada foi “A equidade na educação, significa...” e as possíveis respostas “Norte: igualdade de oportunidades e acesso”, “Sul: igualdade de resultados”, “Leste: valorizar a individualidade e diversidade de cada estudante” e “Oeste: combater discriminações de qualquer tipo na escola”.

Posteriormente, com um trabalho em grupo denominado “Conhecendo a etnobotânica africana e afro-brasileira” desenvolvido por uma das idealizadoras do curso. Levantamos questões importantes para trabalhos em grupo colaborativos, como a distribuição dos papéis e a necessidade de os integrantes precisarem uns dos outros para resolver as questões propostas. Após a pausa para o almoço, trabalhamos os conceitos de racismo e justiça ambiental e decolonialidade, a partir da resolução de estudos de caso sobre a temática.

Em nosso terceiro dia do Encontro USP-Escola, debatemos com os participantes sobre Educação Ambiental e Patrimonial - memórias e narrativas autobiográficas, Educomunicação e Trilhas Interpretativas. Iniciamos com uma atividade sobre

narrativas e possibilidades de inclusão dessa prática no âmbito da educação ambiental. Além disso, criamos um mapa mental coletivo que refletiu nossa trajetória e conectou memórias individuais e coletivas. Por fim, conversamos sobre a ideia de Trilhas Interpretativas e seu potencial pedagógico para trabalhar questões socioambientais locais, culturais e conexões com a natureza. Abaixo (Fig.2), alguns registros do segundo e terceiro dia de curso.

Figura 2: Dinâmica dos quatro cantos e construção do mapa mental coletivo.



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Em consonância com os temas do curso, em nosso quarto encontro, realizamos uma visita à Terra Indígena do Jaraguá, localizada na zona norte da cidade de São Paulo, e fizemos uma trilha interpretativa elaborada pelo povo indígena Guarani, com pontos representados pelas fotografias (Fig.3) abaixo.

Figura 3: Meliponário e Armadilhas Guarani como pontos interpretativos da trilha.



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Por fim, no último dia do curso "Sustentabilidade e equidade nas práticas de educação ambiental" visitamos o Jardim do Instituto de Biociências da USP e conhecemos alguns dos projetos de extensão desenvolvidos pela graduação como a composteira e a agrofloresta (Fig. 4). São possibilidades de visitas que os professores podem realizar com seus alunos para trabalhar com os temas de sustentabilidade na escola.

Figura 4: Roda de conversa no Jardim do Instituto de Biociências da USP e projeto de agrofloresta.



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

Os participantes também finalizaram seus portfólios (Fig. 5), com propostas de atividades que refletiam cada dia de curso e realizamos uma roda de conversa final sobre os encontros.

Figura 5: Exemplo de uma participante acerca de uma atividade proposta no portfólio de construção de trilha interpretativa.



Fonte: Acervo do grupo de pesquisa

RESULTADOS E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A oportunidade de participar ativamente de encontros de formação continuada no campo da Educação Ambiental crítica pôde proporcionar aos professores vivências, estudos e discussões relacionados à compreensão da injustiça ambiental e pode abrir a possibilidade de traçar percursos pedagógicos dotados de potencial de transformação socioambiental. Viver e fazer viver a educação ambiental que considera a complexidade dos territórios e suas possibilidades de intervenção socioambiental.

O planejamento e a prática do referido curso, dos quais as autoras desse relato fizeram parte, informam uma estreita ligação com as questões de injustiça ambiental, quer nos conteúdos eleitos, quer nas vivências dos formadores e professores cursistas ao longo da semana de trabalhos. Estas características mostram a valorização do processo de compreensão dos fenômenos ambientais pelos educadores envolvidos e permitem vislumbrarmos a possibilidade de alteração significativa dos estudos, planos pedagógicos e práticas na escola, a partir dos estudos continuados neste curso, que será novamente oferecido em 2024. Ou seja, a prescrição de atividades para a memorização de conteúdos descontextualizados e distantes da realidade dos professores e estudantes da Educação Básica pode passar a dar lugar a práticas e planejamentos colaborativos e com ponto de partida na história e potencialidades dos envolvidos.

Pensado para proporcionar relações dialógicas contínuas em favor da tomada de decisão dos professores no campo das discussões e metodologias de Educação Ambiental, o curso apresentou potencial para incentivar o levantamento e análise de conjuntura de situações reais, a participação de todos com autonomia e liberdade de expressão e alterações na prática pedagógica dos professores em função de uma transformação social significativa para os territórios onde atuam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, espera-se um desenvolvimento embasado na dialogicidade entre os propositores e os cursistas, sem hierarquia ou tentativa de transferência de conteúdos científicos, tampouco de rol de atividades para serem aplicadas na escola. Este cuidado com a prática pedagógica dos responsáveis pelo curso é essencial para o desvelamento de “condicionantes sociais historicamente produzidas que implicam a reprodução social e geram a desigualdade e os conflitos ambientais” (LOUREIRO & LAYRARGUES, 2013). Ao terem suas singularidades respeitadas, os educadores tiveram a chance de levantar e discutir questões ambientais e pedagógicas em um clima favorável ao estabelecimento de finalidades para o seu trabalho e dos meios para atingi-las.

Segundo Leff (2009), o diálogo de saberes é uma ferramenta poderosa quando se têm como objetivo discutir caminhos para uma Educação Ambiental, onde o encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural orienta o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada. Segundo o autor, isso implica também na apropriação de conhecimentos e saberes dentro de distintas racionalidades culturais e identidades étnicas, cujo diálogo de saberes se produz no encontro de identidades construídas cultural e historicamente. Sendo assim, os resultados da formação indicaram que foram valorizados espaços dialógicos para professores e professoras com pesquisadores e pesquisadoras, onde compartilhamento de experiências foi capaz de produzir novos saberes em uma perspectiva de educação ambiental mais crítica e complexa.

Esta característica dialógica apresentada na elaboração e no desenvolvimento do curso está de acordo com os pressupostos da Educação Ambiental crítica, corrente adotada pelos idealizadores do curso. Esta é marcada pela busca dos condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geram a desigualdade e os conflitos ambientais, da autonomia e a liberdade dos agentes sociais ante as relações

de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista e da transformação social (LOUREIRO & LAYRARGUES, 2013). Baseado numa corrente da Educação Ambiental com foco na interpretação e modificação da realidade objetiva, o curso pode provocar tensões e questionamentos no campo da justiça ambiental. Ao promover a efetiva participação dos formadores e dos professores cursistas, trouxe a possibilidade da ocorrência de movimentos de ressignificação das questões ambientais no sentido da compreensão dos fatos pela perspectiva das pessoas pertencentes aos variados territórios e expostas a uma diversidade de questões ambientais. Nesse caminho, foi construída uma comunidade de aprendizagem que continua esse processo de diálogo e criação coletiva no sentido de uma melhor articulação entre as questões de sustentabilidade socioambiental e equidade.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, M. E. World café: método de diálogo e criação coletiva como ferramenta de educação ambiental. In: JACOBI, P. R. (Org.). **Aprendizagem social diálogos e ferramentas participativas: aprender juntos para cuidar da água**. São Paulo: GovAmb/USP, 2011. p. 33-36.
- CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 6 ed., 2012.
- COHEN, E.G.; LOTAN, R.A. **Planejando o trabalho em grupo**. Porto Alegre: Penso, 2017.
- FERDINAND, Malcom. 2022. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 320 p.
- JUNQUEIRA, Juliana Neves. **Por uma Educação Ambiental Histórico-Crítica na escola**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2014.
- LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade**, v. 34, n 3, p. 17-24, 2009.
- LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e Educação Ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e**

Saúde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-72, 2013.

LUKÁCS, G. La categoría de la particularidad. In: _____. **Estética: La peculiaridad de lo estético**. Barcelona; México: Grijalbo, 1967. 3 v. p. 199- 275.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo : Boitempo, 2005.

NAAEE - North American Association for Environmental Education. **Community Engagement: Guidelines for Excellence**. Washington (EUA), 172 p, 2017.

SAUVÉ, L. Perspectivas curriculares para la formación de formadores em educación ambiental. **Foro Nacional sobre la Incorporación de la Perspectiva Ambiental en la Formación Técnica y Profesional**. 2003. Disponível em:http://www.ecominga.uqam.ca/PDF/BIBLIOGRAPHIE/GUIDE_Lecture_1/6/1_Sauve.pdf. Acesso em: 30 abril 2024.

SILVA, R. L. F., CAMPINA, N.N. Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v.6, n.1, p.29-46, 2011.

TREIN, E. S. A educação ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 7, p. 295-308, 2012.